

Ensino de biologia e educação em sexualidade

Biology teaching and sexuality education

Enseñanza de la biología y educación en sexualidad

Submetido: 15/11/2021 | Aceito: 03/12/2021 | Publicado: 18/12/2021

Jesiane da Luz Oliveira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8974-9055>

Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Brasil

E-mail: jesianeoliveira@yahoo.com.br

Clara Gomes de Santana

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2250-2971>

Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Brasil

E-mail: claragsantana@outlook.com

Maria José Souza Pinho

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5129-7479>

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

E-mail: mjpinho@uneb.br

Resumo

Nesse artigo propomos um debate a respeito do currículo escolar sobre educação e sexualidade. Entendemos que seu exercício ocorre historicamente pelo olhar das disciplinas de ciências/biologia, devido a uma prática docente centrada em um ensino (in)formativo e fisiologista sobre o corpo como máquina reprodutora. No presente estudo, realizou-se uma pesquisa de cunho exploratório e descritivo, sendo que os dados apresentados foram coletados com utilização da ferramenta Google Forms, no formato de Escala Likert. O público-alvo da pesquisa foram estudantes do ensino médio do Colégio Estadual Berilo Vilas Boas, localizado no município de São José do Jacuípe-BA. O objetivo geral foi investigar, a partir da percepção dos estudantes, como a educação em sexualidade está sendo incorporada no contexto escolar. Com base nos resultados, destaca-se a necessidade de avançar os debates sobre gênero e sexualidade no ambiente escolar, abrindo espaços para que se dialogue de forma transversal, não ficando sob a responsabilidade das disciplinas de Biologia e Ciências, é fundamental abrir as caixinhas curriculares que se desenham e reduzem as possibilidades de intercâmbio de conhecimentos das variadas áreas. Entender como a educação em sexualidade se molda dentro dos muros da escola vai além de (in)formar os estudantes sobre situações em que se inserem cotidianamente afim de tomarem consciência crítica e tomada de decisões, esse estudo se caracteriza como um termômetro, um indicativo de incorporação, ou da não das discussões acerca da sexualidade nos currículos escolares, sinalizando brechas e lacunas que são amplificadas pelos documentos nacionais que tendem a universalizar a educação básica.

Palavras-Chave: Educação em sexualidade; ensino de biologia; adolescência.

Abstract

In this article we propose a debate about education and sexuality in the school curriculum. We understand that its exercise occurs historically from the perspective of the subjects of science/biology, due to a teaching practice centered on (in)formative and physiologist teaching about the body as a reproductive machine. In the present study, an exploratory and descriptive research was carried out, and the data presented were collected using Google Forms, in the Likert Scale format. The target audience was high school students from Colégio Estadual Berilo Vilas Boas, located in the town of São José do Jacuípe-BA. The general objective was to investigate, from the students' perception, how sexuality education is being incorporated in the school context. Based on the results, the need to advance the debates on gender and sexuality in the school environment is highlighted, opening spaces for a transversal dialogue, not being under the responsibility of the Biology and Science subjects,

it is essential to open the curriculum boxes that and possibilities are drawn up as possibilities for exchanging knowledge in different areas. Understanding how sexuality education is molded within the walls of the school goes beyond (in)training students on hypotheses in which they are inserted daily in order to become critically aware and decision-making, this study is characterized as a thermometer, an indicator of incorporation or non-incorporation of sexuality in school curricula, signaling gaps and gaps that are amplified by national documents that tend to universalize basic education.

Keywords: Education and sexuality; biology teaching; adolescence.

Resumen

En este artículo proponemos un debate sobre el currículo escolar en educación y sexualidad. Entendemos que su ejercicio se da históricamente desde la perspectiva de las disciplinas ciencia / biología, debido a una práctica docente centrada en la enseñanza (in) formativa y fisiológica sobre el cuerpo como máquina reproductora. En el presente estudio se realizó una investigación exploratoria y descriptiva, y los datos presentados fueron recolectados utilizando la herramienta Google Forms, en el formato de Escala Likert. El público objetivo de la investigación fueron estudiantes de secundaria del Colégio Estadual Berilo Vilas Boas, ubicado en la ciudad de São José do Jacuípe-BA. El objetivo general fue investigar, desde la percepción de los estudiantes, cómo se está incorporando la educación en sexualidad en el contexto escolar. A partir de los resultados, se resalta la necesidad de avanzar en los debates sobre género y sexualidad en el ámbito escolar, abriendo espacios de diálogo de forma transversal, no estando bajo la responsabilidad de las asignaturas de Biología y Ciencia, sobre la situación en la que se El sujeto puede insertarse para que tome conciencia de todas las relaciones que de allí surgen para que pueda ser instrumentalizado para que pueda participar en la defensa de sus derechos de alguna manera o que otros sujetos de la comunidad escolar puedan actuar de alguna manera eficaz.

Palabras clave: Educación y sexualidad; enseñanza de la biología; adolescencia.

1. Introdução

Na sociedade, o tema sexualidade ainda é pouco discutido, sendo considerado por muitos como um tema tabu. Embora a Orientação Sexual (no sentido de Educação) seja um dos temas transversais propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério de Educação e Cultura, ainda se depara com dificuldades em ser trabalhado em sala de aula. Para Silva et al., (2015), a discussão do tema é cercada por inquietações e dúvidas próprias do adolescente, que passa por diversas transformações físicas na puberdade, e que apesar de se ouvir falar muito de sexo atualmente, principalmente nos meios de comunicação, ele continua sendo um tema delicado, tanto na família, quanto na escola.

De acordo com Pereira e Monteiro (2005) frequentemente os meios de comunicação por meio das novelas, noticiários, filmes e redes sociais tem trazido à tona a discussão dos assuntos envolvendo a sexualidade e os papéis de gênero. As autoras ainda reforçam que destaque dado para a discussão da sexualidade ultrapassa os discursos morais e religiosos, sendo pautada no eixo dos direitos das reivindicações de movimentos sociais, principalmente os movimentos LGBT, os feministas, que, por sua vez, são amparados pelas organizações não governamentais, fundações e agências de fomento.

Diante dos discursos negativos e pouco incentivadores da temática, tem ficado evidente um cenário de retrocessos para a educação brasileira, se tornando urgente e necessário esclarecer que a educação sexual é muito mais abrangente do que demonstram as concepções banalizadoras de senso comum.

Nesse contexto, Carvalho (2021) reitera que a educação sexual pode trazer diversas contribuições para a realidade escolar brasileira, permitindo a desconstrução de dogmas, tabus e estereótipos arraigados na formação humana, colaborando, também, para uma cultura de paz na escola., uma vez que o espaço escolar e, mais especificamente, a educação, não se restringe apenas ao desenvolvimento cognitivo, e sim ao desenvolvimento integral do indivíduo, levando em consideração sua sexualidade, sua espontaneidade, suas crenças e sua diversidade de valores.

Para Louro (2016), a escola configura-se espaço apropriado para discussões dessa natureza, por ser um local onde a busca pelo conhecimento é singular e por se tratar de um espaço em que jovens passam boa parte de sua vida. Esse ambiente, fazendo referência à escola como um espaço pedagógico em que a sexualidade está fortemente presente, porque esse assunto está nos gestos dos alunos, nas conversas das salas de aulas, nos corredores, nas paredes do banheiro.

Apropriamo-nos do pensar de Melo (2019) ao afirmar que sexualidade envolve, seduz e desperta inúmeras curiosidades entre as pessoas, sobretudo, na população jovem, uma vez que está em todo lugar e de forma muito particular na escola, ainda que informalmente. As instituições de ensino são por natureza espaços de encontros: encontro com o conhecimento, encontro com o outro e consigo mesmo. Essa socialização de pessoas e ideias, proporcionada pela escola, vai abastecendo o indivíduo de informações para suas conquistas de espaço e ampliação da visão de mundo.

Dado o papel social que exerce e seu caráter interdisciplinar, as instituições de ensino são potencialmente capazes de debater assuntos de natureza biológica, química, social, política, histórica, cultural dentre tantos outros. E é nesse contexto que acreditamos que a escola deve ser um dos cenários para promover discussões sobre sexo, sexualidade, identidade de gêneros e orientação sexual. Essa ideia é apoiada nas concepções de Fagundes (2005) quando afirma que a sexualidade é fortemente influenciada e direcionada por aspectos biológicos e psicológicos, relações de poder, referenciais de classe, relações entre os gêneros, pluralidade sexual, fatores sociais, históricos, políticos, econômicos, éticos, étnicos e religiosos.

É nesse contexto que concordamos com o que alerta Figueiró (2010) ao reconhecer a importância da educação sexual como instrumento de transformação social capaz de provocar mudanças de comportamento e atitudes relacionados à sexualidade é um excelente caminho para iniciar esses trabalhos dentro da escola.

A organização dos currículos da educação básica está compilada na Base Nacional Comum Curricular – BNCC, se apresenta como um documento substituto aos PCN e traz competências gerais para a Educação Básica. Por seu caráter normativo, determina o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da

Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2018).

Nos itens 8 e 9, a BNCC traz como objetivos: Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018).

Algumas deficiências similares às dos PCN são evidentes. Para essa afirmação recorreremos à análise de Silva, Brancaloni e Oliveira (2019) ao relatar que, em relação à Educação Sexual, a BNCC não apresentou avanços sobre os PCN, o que pode colaborar para que essa temática não seja inserida nos processos educacionais. Quando se trata da abordagem da temática sexualidade, aparece apenas na dimensão biológica, além de silenciar questões de gênero e tratar questões relacionadas aos Direitos Humanos de forma superficial. No referido documento, a abordagem do tema é restrita ao oitavo ano do ensino fundamental e relacionada aos conteúdos de reprodução, estando inserida na unidade temática “Vida e Evolução”. Vale destacar também que, não há explícito, no seu texto, os termos sexo, sexualidade e gênero, nem tampouco em suas habilidades e competências.

Zompero et al. (2018) reiteram que a BNCC, por se tratar de um documento oficial que orienta propostas curriculares de todos os estados, necessita contemplar a temática sexualidade de forma mais específica, principalmente em suas habilidades que expressam o que de fato precisa ser aprendido pelos estudantes, a fim de facilitar o trabalho dos professores. Embora o documento não aborde o assunto sexualidade propriamente dito, reconhece como uma das finalidades do Ensino Médio o autoconhecimento e auto responsabilidade com o corpo, sentimentos, emoções e relações interpessoais, evidenciando o autorrespeito e o respeito mútuo, assuntos que podem fazer os professores oportunizarem o diálogo sobre sexualidade em suas aulas.

Embora o tema sexualidade esteja inserido no currículo como tema transversal, na prática, a educação sexual tem sido trabalhada nas aulas de Ciências ou de Biologia, pelo fato de ser uma área que abarca temas relacionados à reprodução e outras especificidades presentes nos livros didáticos. Para Altmann (2007), a Educação Sexual no contexto escolar tem sido constantemente relacionada à disciplina de Ciências e Biologia, pela proximidade com o tema, geralmente, ficando assim os professores de Biologia os responsáveis em abordar as questões sobre sexualidade.

Oliveira, Santana e Schunemann (2017), apontam a falta de material didático o principal motivo, o que acaba por acarretar pouco envolvimento ou estímulo dos docentes para desenvolverem o trabalho de

Educação Sexual. Isso faz com que os professores se sintam inseguros e desmotivados a exercerem o papel de educadores sexuais. Ao longo da formação docente e da prática nas salas de aulas, é nítido o quão os/as professores/professoras se esquivam de incorporar em seus conteúdos a educação em sexualidade. No âmbito educacional o professor é o responsável por abrir caminhos de comunicação entre os pares para que temáticas de importância biopsicossocial estejam presentes na escola, é frequente a queixa de professores que acham que os alunos ficam incontrolláveis após uma aula de educação sexual ou que o tema não deve ser tratado tão abertamente, por tabu ou limitações pessoais. Portanto, como mostram Nogueira e colaboradores (2016), é importante que o aspecto social e psicológico da sexualidade e não apenas o aspecto biológico se faça presente, de modo que seja capaz de conduzir o aluno à reflexão, questionamento, debate, experimentação e investigação, estimulando-o a buscar respostas acerca de suas inquietações e não o conhecimento pronto e acabado.

Desse modo, cabe aqui questionar por que tratar de assuntos relacionados à sexualidade se mostra tão desafiador para os professores. Pois quando cita-se oportunizar, não tem o mesmo significado de realizar, ficando a abordagem de acordo com o interesse do docente, já que não há a obrigatoriedade nos documentos. Assim, partimos do pressuposto que a as discussões dessa temática não é uma tarefa fácil para os profissionais da educação visto que se encontram marginalizadas no currículo escolar. Dessa forma o presente trabalho tem como objetivo investigar, a partir da percepção dos estudantes, como a educação em sexualidade está sendo incorporada no seu contexto escolar.

2. Metodologia

A partir dos objetivos explicitados na introdução, os procedimentos adotados para a realização desta pesquisa consistiram em apresentar e analisar os resultados de um questionário realizado com os estudantes. Assim, é classificada como exploratória e descritiva, sendo que os dados apresentados foram coletados com a utilização da ferramenta *Google Forms*. O público-alvo da pesquisa foram estudantes do ensino médio do Colégio Estadual Berilo Vilas Boas, localizado no município de São José do Jacuípe-BA. O questionário foi dividido em duas etapas: a primeira etapa abrangeu a apresentação do entrevistado na intenção de qualificação da amostra e a segunda etapa foi constituída por seis perguntas sobre sexualidade, as quais levantaram à opinião pessoal dos estudantes. O objetivo geral foi investigar, a partir da percepção dos estudantes, como a educação em sexualidade está sendo incorporada em seu contexto escolar. Foram convidados 100 estudantes do referido colégio entre 15 e 22 anos, cursando o ensino médio. Desses, 65 responderam ao questionário.

A coleta de dados foi feita mediante aplicação de questionários aos discentes, baseados na escala Likert. A escala Likert é um tipo de escala de resposta psicométrica usada habitualmente em

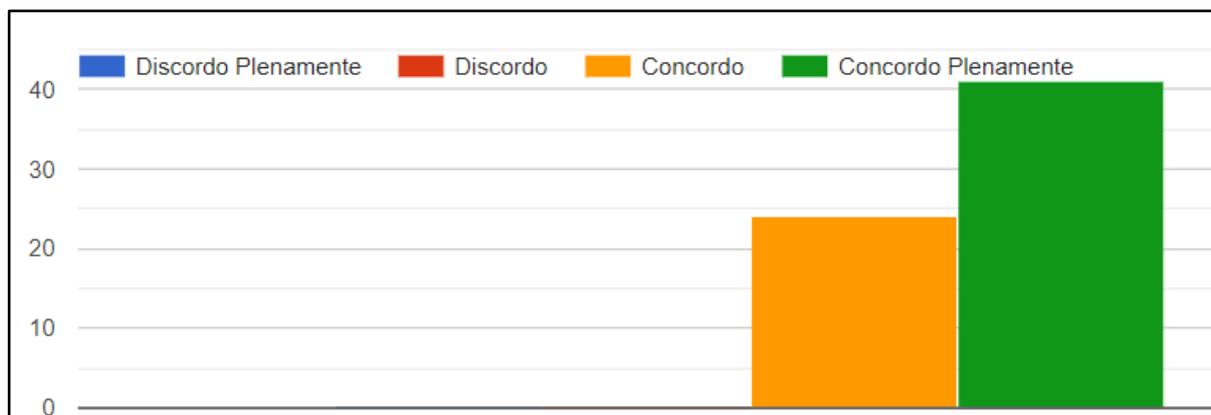
questionários, e é a escala mais usada em pesquisas de opinião. Esses instrumentos possibilitaram perceber suas concepções acerca da Educação em Sexualidade. O questionário foi dividido em duas partes: a primeira abrangeu a apresentação do entrevistado na intenção de qualificação da amostra e a segunda parte foi constituída por seis perguntas sobre sexualidade, as quais correspondiam à opinião pessoal na escala likert de 4 pontos: discordo plenamente, discordo, concordo e concordo plenamente.

O projeto de pesquisa não foi submetido a nenhum processo de revisão ética. Porém, atentas à importância de manifestar os princípios éticos da pesquisa, declaramos que a pesquisa realizada se orientou por estruturar um instrumento de coleta de dados embasado no respeito à história de vida e trajetória na escola. Tivemos o cuidado de não estabelecer questões que de algum modo pudessem expor e colocar em situação de vulnerabilidade aqueles que historicamente já são submetidos a estas situações frente à diferentes políticas de estado. Por fim, ao redigir e divulgarmos o estudo piloto, buscamos deixar transparente a nossa responsabilidade social como professoras do ensino básico, diante da diversidade de vidas humanas, nos pautando na defesa de valores democráticos e de justiça. Além disso, cumprimos as questões protocolares com a anuência dos participantes através da entrega do documento Consentimento Livre e Esclarecido, após a explicação completa e detalhada sobre a natureza da pesquisa, objetivos, metodologia, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que a pesquisa pudesse acarretar (LEMES, 2019).

3. Resultados e Discussão

Participaram deste estudo 65 estudantes do Colégio Estadual Berilo Vilas Boas, sendo 44 do sexo feminino, 20 do sexo masculino e 1 estudante preferiu não informar. Quanto a série, 24 alunos cursam a 1ª série do Ensino Médio, 20 cursam a 2ª série do Ensino Médio e 21 cursam a 3ª série do Ensino Médio. No que tange a orientação sexual, 44 estudantes se identificam como heterossexuais, 1 homossexual, 19 bissexuais e 1 assexual, com idades entre 15 e 22 anos. Ao analisar as respostas dos estudantes sobre sexualidade no contexto escolar abordadas no questionário, verificou-se que em relação a importância do diálogo sobre educação em sexualidade na escola, na escala likert de 4 pontos: discordo plenamente, discordo, concordo e concordo plenamente, 24 estudantes concordam sobre a importância do diálogo sobre sexualidade nas escolas, e 41 concordam plenamente, nenhum dos estudantes discordou da importância da temática no contexto escolar (gráfico 1):

Gráfico 1 - Quantitativo das respostas dos estudantes sobre a importância do diálogo sobre educação em sexualidade na escola

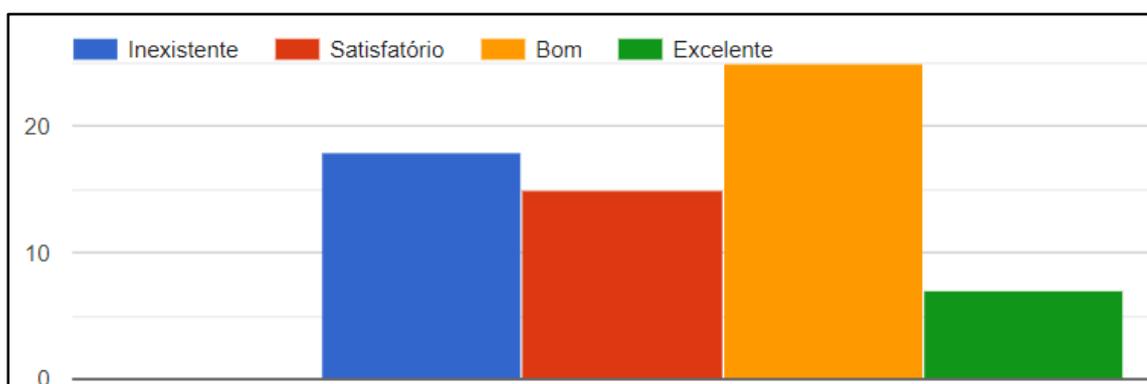


Fonte: Elaboração das autoras, 2021.

Embora o tema da sexualidade (nomeado Orientação Sexual) esteja presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) permanece como tabu, pouco ou raramente discutido no contexto das salas de aula do ensino médio. Percebe-se, portanto, a vulnerabilidade desses estudantes, que atingem a adolescência com lacunas a respeito dos aspectos que envolvem a sexualidade e seus múltiplos conceitos. Ao longo das análises das respostas revelam-se pontos importantes da relação existente entre educação em sexualidade e o contexto escolar do ensino médio.

Quanto ao nível das discussões acerca da Sexualidade são abordadas na escola, dos 65 estudantes, 18 apontaram inexistência nas discussões, 15 responderam que o nível é satisfatório, 25 consideram o nível bom e apenas 7 consideram o nível das discussões excelente (gráfico 2):

Gráfico 2 - Quantitativo das respostas dos estudantes sobre o nível das discussões acerca da Sexualidade são abordadas na escola



Fonte: Elaboração das autoras, 2021.

Os resultados apresentados nada mais são do que sinais de que todos/todas estão cada vez mais cientes de que a questão da sexualidade não é um tema privado e de cunho pessoal, fazendo parte da formação do ser humano. Como tal, se deve sustentar a ideia de que instituições formativas como a escola tem papel relevante no que diz respeito à disseminação de informações e formações, para que o

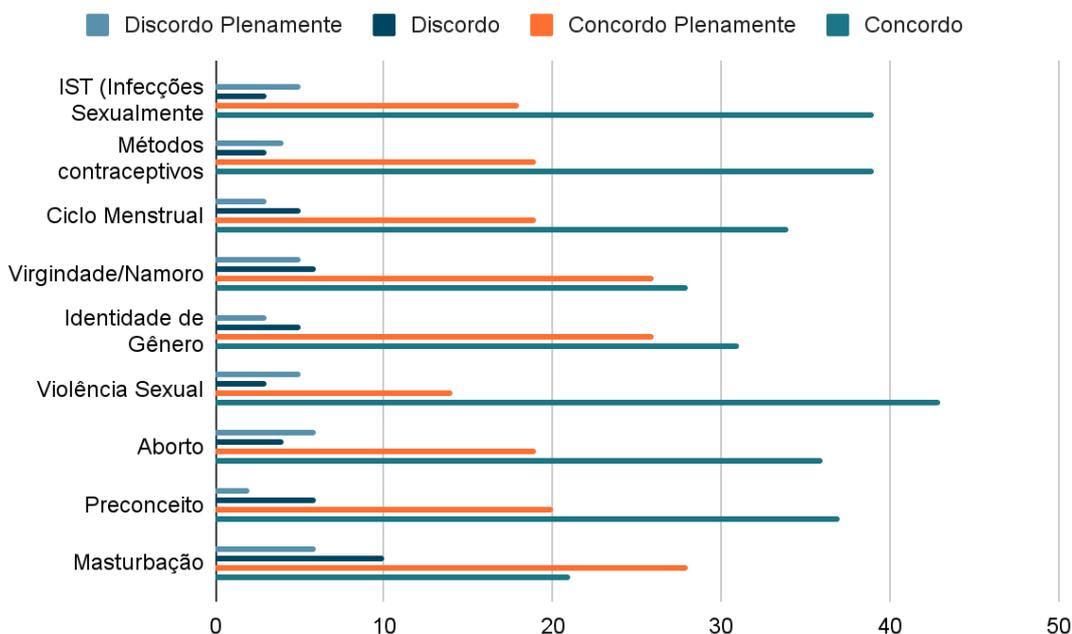
educando crie as suas próprias significações na construção de questões relacionadas a sua sexualidade como qual o seu gênero e qual a sua orientação sexual.

Santos, (2015) reforça que se deve criar condições de acessibilidade com relação a educação sexual como um todo, desde formar o aluno como sujeito em seu contexto, até promover ações de informação para todos que constroem o ambiente escolar. É importante para que não apenas o assunto seja recebido da melhor forma possível respeitando os diferentes julgamentos sobre o mesmo, mas também para que ele seja vivido em sua prática. Isso fará da escola um lugar de formação plena do educando, onde o convívio com a diversidade e as diferentes opiniões são mediados pelo respeito de todos por todos.

Para Brittos *et al.* (2013), assuntos dessa natureza são mantidos pela escola como um tabu, e persiste no discurso de que não se pode falar sobre isso. Esta omissão por parte da escola e da família faz com que as crianças e adolescentes procurem informações em outras fontes bem menos seguras, como em revistas, internet e/ou na rua com amigos, que muito provavelmente estão tão despreparados quanto eles. Além disso, nas escolas, a educação sexual não tem abarcado as ansiedades dos adolescentes, principalmente por conduzir de forma limitada, aliada apenas aos aspectos biológicos e reprodutivos dos indivíduos, negando assim, toda a amplitude prazerosa e benéfica que a mesma propicia. Por fim, salienta-se que é importante que a educação sexual seja iniciada em casa e seja complementada na escola, para que possam suprir o despreparo e as dificuldades dos pais em relação ao tema e ajudar os adolescentes a enfrentar as dúvidas e ansiedades.

Outro aspecto importante é evidenciado nas respostas do questionamento: “Quais temáticas você acredita que devem estar presentes no currículo da Educação em Sexualidade” (gráfico 3):

Gráfico 3 - Quantitativo das respostas dos estudantes sobre a curadoria das temáticas sobre sexualidade



Fonte: Elaboração das autoras, 2021.

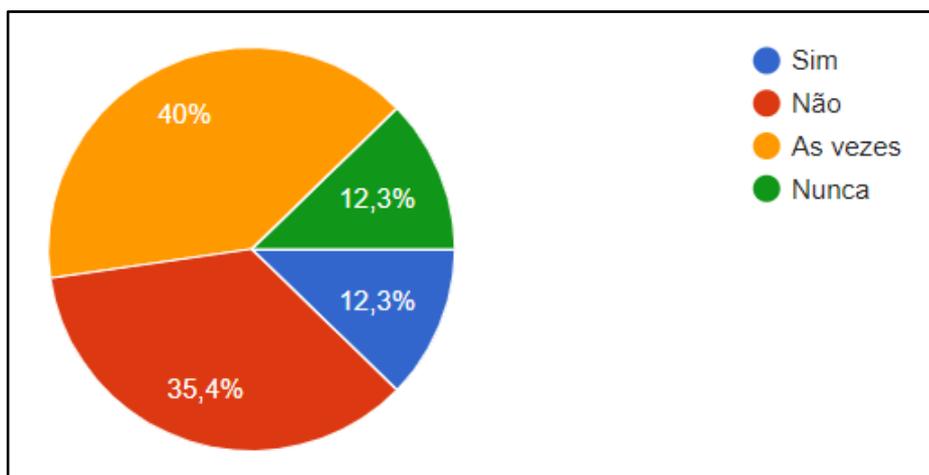
A maioria dos alunos considera que temáticas como violência sexual, IST, métodos contraceptivos devem estar presentes no currículo escolar. O quantitativo destes dados nos chama a atenção para a importância da discussão dentro do espaço escolar não somente sobre os métodos contraceptivos que evitam a gravidez, mas abordar aspectos que envolvem a responsabilidade diante dos muitos outros aspectos da sexualidade se faz importante, visto que a sexualidade nesta fase da vida gera diversos questionamentos, dúvidas, incertezas, inseguranças, desconhecimento e tabus que devem ser discutidos e esclarecidos aos adolescentes, propiciando dessa forma um espaço de discussão e promoção da saúde sexual no ambiente escolar.

Consideramos imprescindível a construção de um processo educativo escolar que contemple todas as dimensões desses sujeitos, assim como a expansão do currículo para questões humanas cruciais vivenciadas pela comunidade para que, dessa forma, a vida dos adolescentes não seja posta em risco por não terem acesso a conhecimentos significativos às suas vidas. Conforme defende Ponce e Neri (2017) sobre a urgência em desenvolver uma prática de currículo que respeite as necessidades dos educandos, ou seja, currículo que contemple conhecimentos que tenham significado para a vida do educando, de modo a proporcionar-lhe um caminho para o seu pleno desenvolvimento como sujeito de direitos e para que ele

venha a intervir na realidade visando uma vida digna para todos. Isso implica considerar as experiências pessoais dos sujeitos do currículo como conteúdos relevantes.

Ao avaliar a porcentagem das respostas sobre a abordagem/conversa de aspectos da sexualidade com os pais ou responsáveis (gráfico 4), é possível verificar que a maioria dos estudantes evidencia que o diálogo sobre sexualidade em casa acontece às vezes, revelando uma certa dificuldade dos pais e responsáveis em conversar sobre aspectos da sexualidade que ainda são considerados tabus.

Gráfico 4 - Quantitativo das respostas dos estudantes sobre abordagem/conversa de aspectos da sexualidade com os pais ou responsáveis

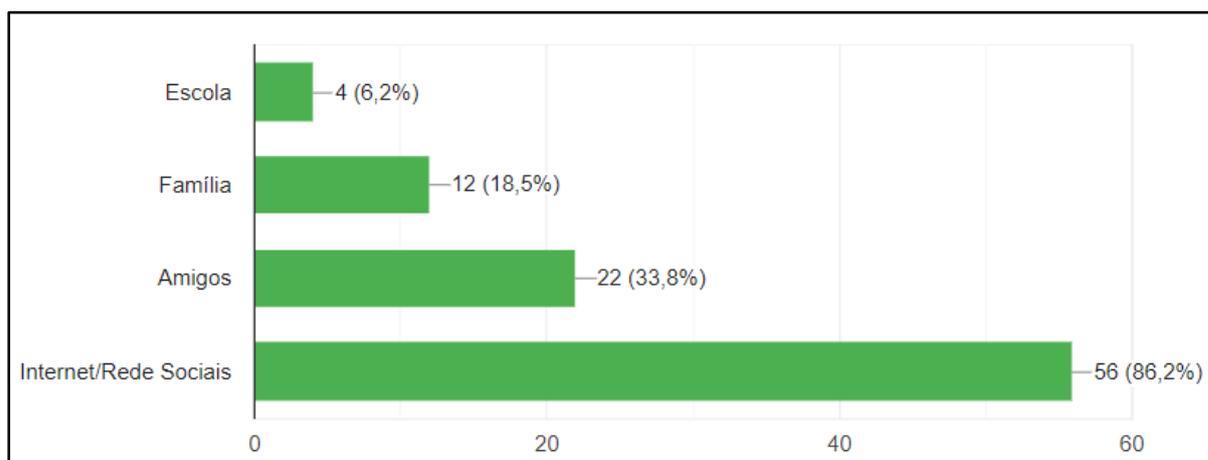


Fonte: Elaboração das autoras, 2021.

Para Aberastury (2007), o mundo dos adultos pode ser visto pelo adolescente como instigante e, ao mesmo tempo, temeroso. Ao adentrar nesse mundo, ele abandona definitivamente sua condição de criança, assumindo uma nova postura. A adolescência é um período crucial na vida do ser humano, um momento decisivo do processo de amadurecimento que se iniciou lá no nascimento. Existe uma precaução dos pais e responsáveis com os filhos perante os problemas da sociedade atual, entretanto eles não se sentem aptos para dialogar a respeito de temáticas relacionadas à sexualidade por considerá-las delicadas e complexas – o que os distancia dos filhos adolescentes. Muitos acreditam que os professores estão mais preparados do que eles para trabalhar o tema da sexualidade com os adolescentes, e por isso delegam à escola essa tarefa (CANO; FERRIANI, 2000, VALDÉS, 2005; BARBOSA; COSTA; VIEIRA, 2008).

No que tange as dúvidas sobre sexualidade e os meios de fonte de dados para essas informações, os estudantes revelam em sua maioria a internet e as redes sociais como resposta (gráfico 5):

Gráfico 5 - Quantitativo das respostas dos estudantes sobre os meios de fonte de dados para essas informações.



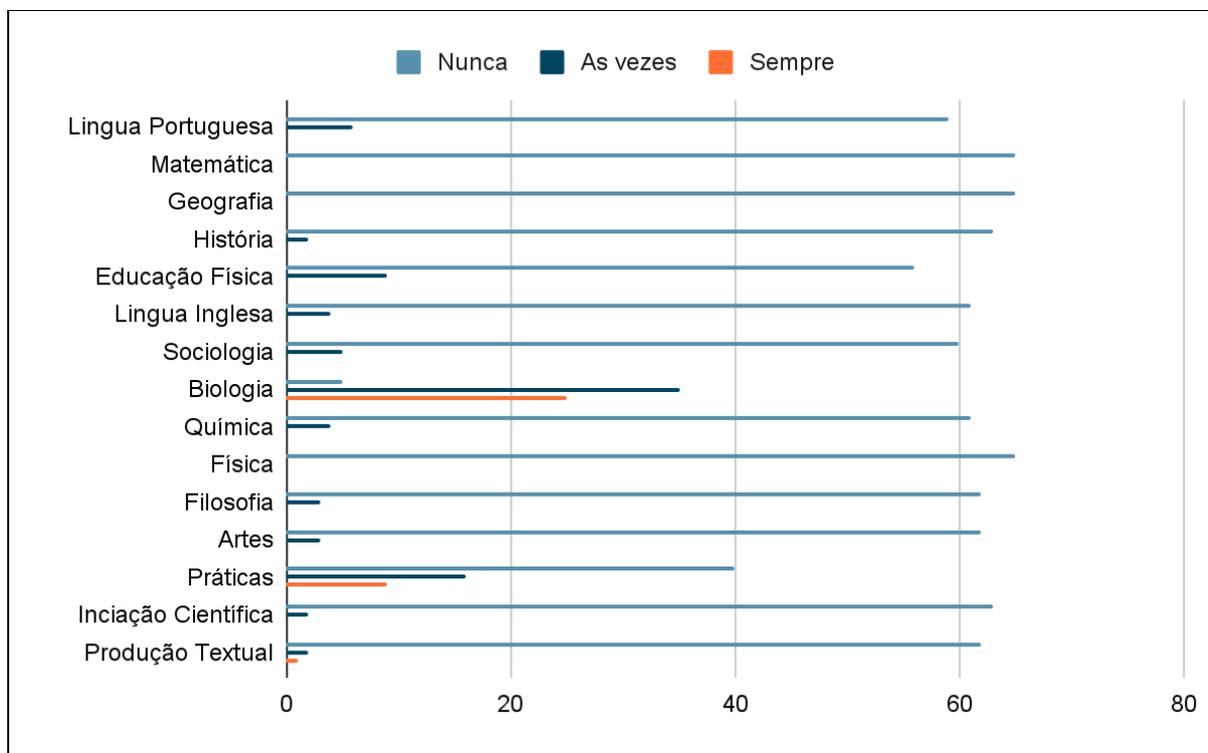
Fonte: Elaboração das autoras, 2021.

Embora alguns adolescentes afirmem ter contato com o tema na escola, com os amigos e na família, eles reconhecem a internet e as redes sociais como principais fontes de influência. A internet está cada vez mais sendo utilizada como ferramenta para que os adolescentes esclareçam suas dúvidas e inquietações e recebam orientações sobre sexualidade. Os jovens que buscam informações sobre o assunto encontraram na internet uma válvula de escape para a falta do diálogo dentro de casa ou da sala de aula. No entanto, a produção e a veiculação de informações sobre sexualidade para adolescentes são rasas e contribuem para disseminar a desinformação. É imprescindível entender como os adolescentes lidam com a construção de conceitos e saberes sobre sexualidade, compreendendo como a educação informal desses meios contribui para a constituição desses processos.

A educação informal é caracterizada pela ausência de planejamento, formalidade e institucionalização, na qual os sujeitos não têm percepção de seu envolvimento em uma relação educativa permanente e ininterrupta e não têm a intencionalidade de educar (GARCIA, 2009). Em relação à sexualidade, esse processo de socialização implica inúmeras distorções e preconceitos tendo como pano de fundo as relações de poder, a busca pela manutenção da ordem social, os valores de determinado grupo, as crenças e valores religiosos. O acesso à educação informal, quando o assunto é sexualidade, é feito nas rodas de amigos, nas buscas por curiosidades na internet, nas transmissões televisivas de conteúdos sensual ou sexual, nas revistas para o público jovem e adulto e, também, na ocultação (negação) por parte de pais e adultos da realidade da vida sexual e da saúde sexual e reprodutiva. O conceito e a prática da masturbação, muito influenciados pela família, seus tabus e preconceitos (CAMARGO; FERRARI, 2009), exemplificam a forma de transmissão de conhecimento de uma educação sexual informal. Esses resultados evidenciam a necessidade de melhorar os espaços destinados à formação.

Apresentamos, por fim, a análise das respostas obtidas no aspecto relacionado às disciplinas que articulam a educação em sexualidade em seus currículos formais ou informais (gráfico 6):

Gráfico 6 - Quantitativo das respostas dos estudantes sobre disciplinas que articulam a educação em sexualidade em seus currículos formais ou informais



Fonte: Elaboração das autoras, 2021.

Com base nas respostas, a grande maioria dos estudantes apontam que disciplinas como matemática, geografia, física e história, a incorporação de discussões sobre educação e sexualidade não acontece nunca. Em contrapartida, os componentes curriculares Biologia e Práticas Integradoras são apontados pelos estudantes como as disciplinas em que a incorporação da educação em sexualidade acontece com maior frequência. Reiteramos que a postura dialógica em todo o processo do aprender e do ensinar, inclusive na educação em sexualidade é indispensável. Para Freire (1990), oferecer aos sujeitos a conquista de sua subjetividade é ato de amor necessário que precisa ser vivido em sua plenitude, na sua existencição. Segundo o autor, a escola como parte desse universo social do/a estudante deve exercer seu papel como ato de coragem. O processo educativo deve, então, ser essencialmente dialógico para potencializar, no caso das discussões da educação em sexualidade no contexto escolar com o rompimento de vícios culturais presentes nessas práticas e que viabilize que os/as adolescentes descubram quem são.

As ciências biológicas estão presentes no programa da escola com a função de discutir a vida e suas diferentes formas de manifestação, de forma mais ampla, para Kuenzer (2005, p. 177), a Biologia ainda pode ser entendida como disciplina cujo papel é o de “colaborar para a compreensão do mundo e suas transformações, situando o homem como indivíduo participativo e integrante do universo.” As alterações anatômicas e fisiológicas, que se observam na adolescência, têm importância para a Educação em sexualidade e as questões que tais mudanças suscitam neles/as, são desencadeadas em um organismo

físico que é estudado pelos conteúdos da disciplina Biologia e Ciências. Dessa forma, os/as professores/as desses componentes curriculares abrem o diálogo sobre tais questões, iniciando uma discussão própria de sexualidade e seus múltiplos aspectos de maneira contextualizada e crítica.

No que se refere ao desafio da articulação entre a disciplina Biologia e a Educação em Sexualidade, segundo Louro (1997), Weeks (1999) e Castro, Abramovay e Silva (2004), o posicionamento geralmente assumido é limitador, principalmente nos casos em que o enfoque dado seja restritamente preventivo ou prescritivo. O debate contemporâneo a respeito da sexualidade na escola [...] reduz o corpo aos conceitos de assepsia, controle e prevenção, delegando a um único professor, o de Ciências, o que consideram o “saber competente”. Em muitos casos, por tal orientação, o estudo do corpo é delegado ao campo da Biologia, sendo que os professores das demais áreas se eximem de quaisquer responsabilidades no que concerne à educação sexual dos alunos (CASTRO, ABRAMOVAY & SILVA, 2004, p. 38).

Louro (2018) nos aponta que, devido às dificuldades de abordagem sobre temáticas relacionadas à sexualidade, a escola que deveria ser um lugar de conhecimento e aprendizado se mantém, com relação à sexualidade, como o lugar do obscurantismo e desinformação. Barbosa e Folmer (2019 p. 234) também afirmam que “há indícios de que os adolescentes almejam e necessitam de um espaço de escuta dentro da escola, para que suas dúvidas e curiosidades sejam acolhidas e sanadas da melhor maneira possível, sem mitos ou inverdades”. Britzman (2018) reitera que é necessário que os professores revejam seus conceitos e representações acerca do sexo, a fim de que estejam abertos para o debate e esclarecimento de dúvidas.

Esses resultados acendem uma alerta para que uma visão mais geral da educação que vê o sujeito sob a ótica de várias esferas, Nessa perspectiva, não se propõe aqui que a Educação Básica demande uma nova disciplina para cada necessidade social de seus alunos, mas sim, que se abra espaço para que se dialogue de forma transversal sobre a situação em que aquele sujeito possa estar inserido para que ele tome consciência de todas as relações que se configuram a partir daí para que possa instrumentalizá-lo para que ele possa participar pela defesa de seus direitos de alguma forma ou que os outros sujeitos da comunidade escolar possam agir de maneira eficaz. (ROCHA E LIMA, 2019)

Na escola quase nunca se problematiza o ensino, não há questionamentos acerca de querer compreender a proposta curricular, e perceber como e porque se estabeleceu a cultura de dar privilégios a determinados recortes epistemológicos, quais foram os sujeitos responsáveis pelas indicações dos conteúdos, em que contexto se deu, quais interesses e intencionalidades são ou foram considerados e que sentidos e significados poderão ser construídos pelos estudantes dentro da escola. Quase sempre, apenas, se aceita o fato de que os conteúdos ensinados na escola são pensados antes dos processos de ensino/aprendizagem, aos sujeitos e aos contextos.

4. Considerações Finais

A partir dos resultados apresentados e analisados e da discussão proposta, fica evidente a urgência de mudança de foco na educação em sexualidade, ou seja, é necessário que a temática seja abordada de outra maneira, partindo de questões pertinentes aos adolescentes e investindo no conhecimento de conceitos fundamentais e abrangentes. Para tanto, além do conteúdo formal que é intencionado em documentos curriculares, é preciso que o trabalho de educação sexual, seja voltada ao esclarecimento dos tabus, crenças, mitos. É necessária uma investigação mais aprofundada das representações sociais da sexualidade para direcionar as ações de educação, vislumbrando a quebra de tabus e contribuindo para melhorar a conscientização do público adolescente. É necessário que a escola tenha uma prática curricular sem programas fragmentados que se auto justificam atendendo a interesses específicos fundamentados na ideia de que além dela própria só existe sua própria experiência, ou seja, o solipsismo epistemológico de cada área isoladamente.

Salienta-se que este trabalho traz contribuições no sentido de ofertar novas informações e reflexões a respeito do ponto de vista dos estudantes sobre a incorporação da educação em sexualidade no contexto escolar, envolvendo curadoria de temáticas que muitas vezes aparecem em conversas informais ou nas páginas das redes sociais e são silenciadas pelos muros, diretrizes e leis que regem as escolas. A partir desse cenário, é importante que os pais/responsáveis busquem possibilidades de diálogo, que busquem outros caminhos, como os serviços disponíveis na sociedade que possam aliviar os tabus relacionados com a temática.

Sugere-se que a escola desenvolva a temática de educação sexual, possibilitando aos professores e professoras orientações direcionadas e esclarecimento de dúvidas e conflitos dos alunos por meio de projetos continuados, oferecendo ao seu alunado a oportunidade em conhecer melhor a si mesmo, bem como a relevância em adquirir conhecimentos direcionados a sexualidade contribuindo assim, com a formação de uma personalidade saudável de seus alunos adolescentes.

Referências

ALTMANN, Helena. Sobre a educação sexual como um problema escolar. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 7, n. 1, 2007.

ABERASTURY, Arminda. *O adolescente e a liberdade*. In: ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício (Org.). *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico* Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 13-23.

BARBOSA, Stella Maia; COSTA, Patrícia Neyva Pinheiro da; VIEIRA, Neiva Francenely Cunha. Estágios de mudança dos pais nas conversas com os filhos sobre prevenção HIV/AIDS. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 16, n. 6, nov./dez. 2008. p. 1-7.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

BRITTOS, Eritânia Silmara; SANTOS, Aline Bruna.; GAGLIOTTO, Gisele Monteiro. A Importância da Educação Sexual na Formação de Professores: O Projeto Laboratório de Educação Sexual Adolescer e a Intervenção necessária junto aos adolescentes no espaço escolar. In: *III Simpósio Internacional de Educação Sexual*, 2013. Maringá, 2013.

CAMARGO, Elisana Ágatha. Iakmiu; FERRARI, Rosângela Aparecida Pimenta. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. *Ciência & Saúde Coletiva*, 14(3), 2009. p. 937-946.

CANO, Maria Aparecida Tedeschi; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho. A família frente à sexualidade dos adolescentes. *Acta. Paul. Enf.*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 38-46. 2000.

CARVALHO, Hanielly Cristinny Mendes Carvalho. *Educação sexual na formação de professores: Caminhos para a prevenção da violência sexual contra crianças e adolescentes*. Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica. 2021. 96 f. Dissertação (Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Urutaí, 2021.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam e DA SILVA, Lorena Bernadete. *Juventudes e Sexualidade*. UNESCO, Brasília. Londrina: Eduel, 2004.

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. Sexualidade e gênero – Uma abordagem conceitual. IN: *Ensaio sobre educação, sexualidade e gênero*. Salvador: Helvécia, 2005 . pp. 9-20.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio*. 3. ed. rev., atualiz. Londrina: EDUEL, 2010. Disponível em <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/1885>. Acesso em :05 nov. 2021.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. 16ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro,1990.

GARCIA, Valeria. Aroeira. *A educação não formal como acontecimento*. 2009. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.2009.

HENRIQUES, Ricardo, BRANDT Maria Elisa Almeida; JUNQUEIRA, Rogério Diniz; CHAMUSCA, Adelaide. Gênero e diversidade sexual na escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos. *Cadernos Secad*, Brasília, n. 4, mai. 2007.

KUENZER, Acacia Zeneida. *Ensino médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho*, 4ª ed. São Paulo: Cortez. 2005.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Autêntica, 2018.

NOGUEIRA, Natália Souza; ZOCCA, Adriana Rodrigues, MUZZETI, Luci Regina; RIBEIRO, Paulo Rennes. Educação sexual no contexto escolar: as estratégias utilizadas em sala de aula pelos educadores. *HOLOS*, v. 3, n.32, 2016. p.319-327.

NUNES, César; SILVA Edna. *A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade*. Pós-Graduação em Ensino para a

Educação Básica. Campinas: Autores Associados, Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica, 2000.

OLIVEIRA, Letícia Thais; SANTANA, Ronaldo Santos; SCHUNEMANN, Haller Elinar Stach. Percepção dos docentes do Pós-Graduação em Ensino para a Educação Básica Ensino Médio referente à educação sexual na escola. *Rev. Int. de Form. de Professores (RIFP)*, Itapetininga, v. 2, n.2, 2017. p. 121-135.

PEREIRA, Zilene Moreira; MONTEIRO, Simone Souza. Gênero e sexualidade no ensino de ciências no Brasil: Análise da produção científica. *Revista Contexto e Educação*, v.30, n. 95, 2015. p.117-146.

PONCE, Banca Jurema; NERI, Juliana Fonseca Oliveira. A justiça curricular, a violência sexual intrafamiliar (VSI) e o direito à aprendizagem. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v.15, n.4, p. 1208-1233, out./dez. 2017.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo; LIMA, Nayara Chaves. A escola como um espaço de enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes: Conhecendo para proteger..iN: *Políticas educacionais na educação básica: impactos e perspectivas para escola pública* [recurso eletrônico] / Antônio Sousa Alves; Francisco de Assis Carvalho de Almada; Albiane Oliveira Gomes; Karla Bianca Freitas de Souza Monteiro (Org.) – São Luis: EDUFMA, 2019.

SANTOS, Ana Carolina Teixeira. A sexualidade e o atual currículo escolar: quais as contribuições na construção da identidade do educando? In: *XII Semana da Mulher*, Marília. Sessão de comunicações científicas (UNESP - Faculdade de Filosofia e Ciências - Campus Marília), 2015.

SILVA Caio Samuel Franciscati; BRANCALEONI, Ana Paula Leivar; OLIVEIRA, Rosemary Rodrigues. Base Nacional Comum Curricular e diversidade sexual e de gênero: (des) caracterizações. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 14, n. esp. 2, p. 1538-1555, jul. 2019.

SILVA, Elisângela Lima, da SILVA, Silvana MOTA, Raquel Martins Fernandes, e de SOUSA, Ricardo Douglas. Educação Sexual no Ensino de ciências. *Revista do Centro de ciências Naturais e Exatas*, v.14, p. -9, 2015.

VALDÉS, Teresa. Socialização em sexualidade no Chile: adolescentes de camadas populares urbanas. In: HEILBORN, Maria Luiza et al. (Org.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 315-342.

WEEKS, J. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2. ed. Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.35-83.

ZOMPERO, Andreia Freitas; LEITE, Cristiane. Mota; GIANGARELLI, Douglas Caldeira; BERGAMO, Maurílio Cristiano. A temática sexualidade nas propostas Curriculares no Brasil. *Revista Ciências & Ideias* v.1, 2018. p.101-114.